

OPINIÃO

O desafio transdisciplinar: alguns apontamentos

The challenge to transdisciplinar: some notes

José Ivo Follmann¹
jifmann@unisinos.br

O tema da transdisciplinaridade ocasiona um despertar geral, fazendo com que diferentes caminhos convirjam e muitas frentes, algumas talvez esquecidas ou desprestigiadas, sejam de novo mobilizadas na busca das melhores respostas para os grandes desafios que nos lança a complexidade do mundo de hoje. Se envolvem modismo algumas iniciativas que lançam essa discussão para o primeiro plano, esse modismo acaba sendo contagiado, de forma positiva, pelos ricos movimentos desencadeados. Pode-se dizer que o modismo, nesses casos, está sendo pego na contra-mão, pois esses movimentos recuperam culturas perdidas e revalorizam diferentes formas de expressão e linguagem, presentes em todos os níveis de organização e convívio humano. São movimentos de correção de rumo, nos caminhos que a humanidade costuma trilhar, por considerá-los como sendo, cientificamente, os mais acertados. São movimentos de reinvenção do humano na própria humanidade, como fatores essenciais para uma gestão sadia do nosso presente e do nosso futuro. Em suma, estamos trilhando novos caminhos do conhecimento.

Não faz muito tempo, recebi convite para proferir uma palestra sob o título *Descumprimento de direitos: uma problemática para além da compreensão disciplinar*. Respecei em mim positivamente a proposta contida no título, mas deixou-me bastante intrigado. E, nesse misto de interesse e reserva, encontrei-me com colegas de distintas áreas do conhecimento e deles indaguei como melhor abordar o tema. As reações dos colegas foram paradigmáticas. Sintetizo-as em duas direções, que não se excluem. De uma parte, questionava-se: *Onde, realmente, está situada a problemática? Ela se circunscreve ao “descumprimento de direitos (deveres)”, ou devemos encará-la mais amplamente, envolvendo o próprio campo das Ciências Jurídicas e a maneira como são definidos os direitos que fragmentam ou compartimentam o ser humano num conjunto de direitos e deveres a modo de um somatório de partes? Acresce que o “descumprimento de direitos” pode ser visto como decorrência lógica e normal dessa prática, que, a rigor, deve ser considerada perversa. Só temos, rigorosamente falando, condições de focar devidamente a problemática em questão, se tomamos como ponto de partida a “integralidade do ser hu-*

¹ Doutor em Sociologia, Professor do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais Aplicadas, UNISINOS, Linha de Pesquisa: Atores, Subjetividades e Cidadania.

mano”, e este ponto de partida já representa, em si, uma compreensão para além das disciplinas. De outra parte, tal questionamento sugeriu a seguinte proposta: *Tomando-se, como ponto de partida, a “compreensão disciplinar”, será preciso retornar à própria origem das disciplinas, nas ciências, e ao momento da história do pensamento humano ao qual está ligado seu surgimento. Mais do que centrar a atenção na problemática do “descumprimento de direitos”, o melhor atalho é centrar a atenção sobre o momento da história do pensamento humano que estamos vivendo hoje. O momento da história hoje é outro e, ao formular a problemática em questão, nos permite, permite à própria Academia, avançar para além da compreensão disciplinar. E não só permite, exige.*

Há muitos anos, está em pauta a discussão em torno de termos como multidisciplinaridade, pluridisciplinaridade, interdisciplinaridade e transdisciplinaridade, revelando crescente insatisfação frente à limitação das disciplinas. O que é comum a esses debates é que cada vez mais os profissionais, os grupos e a humanidade se conscientizam da limitação das abordagens pautadas sobre um só ponto de vista, de uma disciplina ou especialidade. Alguns colocam a segmentação disciplinar do conhecimento e a departamentalização como frutos perversos da modernidade. Isso, talvez, esteja na origem de uma das maiores crises geradas pela modernidade. Trata-se de um efeito perverso, porque quem alimentava, em sua concepção original, a função de complementaridade entre os diferentes aportes não se deu conta de que os pequenos mundos do saber, criados e cultivados em compartimentos, implicariam em recantos de competição pelo poder. Tais recantos isolam-se, negando importância e pertinência aos demais recantos do saber, chegando mesmo a questionar a legitimidade da interação e a produtividade de tais relações. Passou a vigorar um quase interdito às “contaminações” do saber com elementos considerados espúrios ao mundo do saber disciplinar.

Quanto ao conceito de transdisciplinaridade,² acostumei-me a falar em quatro momentos metodológicos de um mesmo “que fazer” científico. O momento da disciplinaridade, o momento da multi ou pluridisciplinaridade, o momento da interdisciplinaridade e o momento da transdisciplinaridade.³ A transdisciplinaridade não significa desconsideração da contribuição específica das disciplinas, seja em suas produções isoladas, seja na forma pluridisciplinar de produção do conhecimento, somando, justapondo ou criando interfaces entre disciplinas, ou, ainda, na forma interdisciplinar, de efetivo diálogo e intercâmbio conceitual e metodológico entre disciplinas. A transdisciplinaridade estará presente em todos estes momentos metodológicos, na medida em que houver uma madura abertura para a integração dos

saberes, sejam saberes de disciplinas ou de “interrogantes externos”, que as transcendem (Follmann *et al.*, 2003). Para Basarab Nicolescu (2000, p. 15), no qual me apoio mais diretamente, “a transdisciplinaridade, como o prefixo *trans* indica, diz respeito àquilo que está ao mesmo tempo *entre* as disciplinas, *através* das disciplinas e *além* de qualquer disciplina”.

Proponho algumas imagens que, na discussão da transdisciplinaridade, lembram certos ganchos ou apoios interessantes. Temos a imagem da transversalidade (ou do trânsito transversal); a imagem do poço, que peço emprestado de Ubiratan d’Ambrosio; a imagem da ultrapassagem, inspirada em Helder Câmara, a imagem da transgressão e, por fim, a imagem da transcendência.

Devo, primeiramente, abrir um pequeno parêntese: já se tornou consenso no meio das Ciências Humanas – *eu sou da Sociologia* – que, se quisermos efetivamente avançar em nossos empreendimentos científicos, precisamos transitar constantemente entre as diferentes disciplinas, bem como transitar entre as perspectivas teóricas, subdisciplinas ou pequenos focos (guetos), que vão se afirmando dentro das próprias disciplinas. Aprendi a trabalhar sociologicamente, sendo fiel a três diferentes perspectivas, livremente transitando de uma a outra, sem transgredir suas lógicas e seus ditames epistemológicos próprios. Na sociologia francesa (em cujas fontes mais bebi, seguindo meus mestres na Bélgica), destacam-se hoje, claramente, três grandes perspectivas teóricas que, a rigor, se repelem mutuamente. Assumi o desafio de, sem desrespeitar o *locus* epistemológico de cada uma dessas perspectivas, fazer estudos sociológicos, transitando de forma recorrente, por dentro das três perspectivas. É para mim, até os dias de hoje, uma experiência intelectual muito reconfortante e frutífera.

Ao lado desse permanente exercício de trânsito entre diferentes perspectivas teóricas, dentro da mesma disciplina, venho tendo, nos últimos anos, diversas experiências interessantes de transversalidade de saberes, seja nos estudos sobre a esfera religiosa da sociedade, seja em outros temas tais como: a identidade, a água, a pobreza, as políticas sociais, a juventude, a universidade e a transdisciplinaridade.

Mais do que transitar entre diferentes perspectivas teóricas de diversas disciplinas, importa construir pontes e canais de contato dentro da complexa multiplicidade de

² Esse conceito é objeto de debate, desde quando foi empregado pela primeira vez por J. Piaget. Um Centro de importante referência internacional é o CIRET (Centre International de Recherches et Études Transdisciplinaires), fundado na França em 1987. No Brasil existem diversos Centros, destacando-se o CETRANS da USP (Centro de Estudos Transdisciplinares) e o IEAT da UFMG (Instituto de Estudos Avançados Transdisciplinares).

³ O termo “momento” não é o mais apropriado, pois pode sugerir sucessão no tempo, mas apesar desta limitação é o termo que mais se aproxima da idéia do necessário movimento no processo de conhecimento. É muito importante que estejamos atentos a esses diferentes momentos metodológicos e à sua importância para o processo de conhecimento. Não confundir com FASES no processo de aquisição do conhecimento, como muito bem detalha Pierre Weil (Weil *et al.*, 1993, p. 9-75).

percepções e vivências, que caracteriza o mundo de hoje. Ao falar dos intelectuais ou profissionais de qualquer área⁴, costume reportar-me ao cotidiano e lembrar que são sujeitos concretos, de carne e osso, homens e mulheres que pensam, sentem, se animam e entusiasmam, e logo desanimam, tomados pelo cansaço e fastio, que amam, odeiam, estão “de bem com a vida” ou carregados de problemas, vivem “correndo atrás da máquina”, “botam os pés pelas mãos”, são sábios, tranqüilos, vaidosos, humildes, avaliam, calculam, são ignorantes ou bem informados, estão financeiramente bem arrumados ou vivem em aperto, na busca de seu ganha-pão, fazem negócios, têm coragem, são sonhadores, cuidam de sua aparência, ou andam desleixados, estão desesperançados, têm medo, são solidários ou egoístas, são religiosos e crentes ou agnósticos e ateus, são casados ou solteiros, ou nem uma coisa nem outra, além de conhecerem esta ou aquela disciplina ou teoria. Existem intelectuais ou profissionais em todos os estados de vida possíveis. Por mais que nossos olhos e sentidos ainda continuem presenciando acentuadas uniformidades, é necessário estarmos muito atentos às situações e dinâmicas pessoais dos intelectuais ou profissionais. Estar atento significa saber transitar transversalmente por dentro das diferentes situações, vivências e posicionamentos. O que podemos dizer, por exemplo, de um profissional do Direito, deve ser dito também, *mutatis mutandis*, do cidadão que, ciente ou não, de seus direitos, é descumprido de seus deveres ou vítima do desrespeito e agressão aos seus direitos.

Para centrar melhor esta reflexão, a imagem do poço, tão cara ao Professor Ubiratan D'Ambrosio, talvez possa ser oportuna. Matemático e educador, este ilustre pensador da transdisciplinaridade emprega a feliz imagem do “horizonte, que se estreita para quem desce para o fundo do poço”. Para D'Ambrosio, “como, ao descer num poço, a percepção dos arredores vai se tornando mais e mais escassa, assim pode o conhecimento especializado conduzir a uma falta de percepção do contexto em que tal conhecimento foi produzido”.⁵ No fundo do seu poço disciplinar, até pode alguém reproduzir um grande mundo e espaço de vida e humanidade, desde que não se reduza ao poço ou nele se afogue. É necessário, para tal, que haja saídas do poço, fecundamente integradas com as atividades dentro do mesmo.

Uma terceira imagem muito expressiva no contexto de nossa presente reflexão é a da *ultrapassagem*. No trânsito, ao ultrapassar, deve-se, normalmente, estar revestido de coragem e ousadia. Quem tem medo do trânsito, reluta em ultrapassar. Se a superação do medo já vem simbolizada na ultrapassagem de outros, muito mais na ultrapassagem de nós mesmos. Dom Helder Câmara, um dia, inquieto, exclamou:

“Ah! se, na sede de ultrapassagem – comum a todos os volantes – aprendêssemos a ultrapassar-nos!” Estamos tão presos e acomodados em nossas seguranças, que pensar em deixá-las para trás, ultrapassando-nos, nos faz medo, porque se desconhece o que vem pela frente, e o incerto não se domina. É necessário que, constantemente, nos ultrapassemos para não nos tornarmos ultrapassados. Corre o risco de se tornar ultrapassada uma Academia que, sempre voltada para os internos regulamentos de seu mundo, com suas regras disciplinares, perambula à margem do contexto no qual se insere e/ou tenta, paralelamente, construir ‘torres de marfim’, alheias aos grandes debates e embates da humanidade. Hoje – *apesar do “Império” que aí está* – não mais se pode falar em um só caminho; necessitamos aprender que muitas alternativas se abrem e se constroem, na medida em que as oportunidades de partilha e de exercício da função de intelectual se tornam efetiva realidade de todos. Educar significa potencializar tudo isso. A educação é um espaço privilegiado de demolição do medo. Felizmente a Academia, perdendo o medo, vem despertando para a importância do para-acadêmico e do não-acadêmico no processo de conhecimento.

Carlos Rodrigues Brandão, em um de seus livros: *A história do menino que lia o mundo* (Brandão, 2002), no qual trata a história de Paulo Freire, destaca que esse menino que lia o mundo aprendeu a superar o medo, porque começou a entender o mundo. Nós só temos medo frente ao que não entendemos. Aplicando a reflexão ao nosso momento, podemos dizer que, facilmente, nos deixamos prender, acomodados em nossas seguranças, sem coragem de nos ultrapassar, receosos das incertezas do desconhecido. O descumprimento dos deveres se deve, não raro, aos muitos medos dos que deveriam fazê-los cumprir. Não se tem a suficiente coragem para dizer: “Isso não é tudo. Não podemos parar na solução prevista ou prescrita”. Precisamos colocar no *background* de nossas disciplinadas análises científicas, de alta qualidade e habilidade, a reserva de que “isso não é tudo: estes caminhos não são suficientes”. É importante repetir, permanentemente, para nós mesmos que existem outras percepções que transcendem a percepção disciplinar.

A quarta imagem que aqui evoco, dentro dessas múltiplas tentativas de me aproximar do conceito de transdisciplinaridade, é a imagem da transgressão. É necessário ter coragem para transgredir, é necessário um sadio reconhecimento de que os limites de nossas concepções metodológicas disciplinares não deixam aquietar-nos. Um mais profundo e mais verdadeiro conhecimento exige que não se tenha medo de transgredir métodos usuais. Isso não significa subverter os métodos ou declará-los ilegítimos. Significa mantê-los vivos e permanentemente renovados. Meu orientador de Doutorado

⁴ Retomo, neste parágrafo, quase literalmente uma passagem de artigo que publiquei com o título *Conhecimento, intelectuais e mudanças* (Follmann, 2001).

⁵ Conferência realizada na Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, 08 de maio de 2003. (Ver também D'Ambrosio, 1997).

me dizia, anos atrás, que, se as ferramentas de que dispomos não servem para o novo modelo de automóvel, não jogamos fora o novo modelo, mas adaptamos as ferramentas. A própria jurisprudência avança através da história, semeando pequenas e grandes transgressões na interpretação das leis vigentes. De fato, a jurisprudência, ao se fazer, vai deixando em seu rastro infinda corrente de sucessivas transgressões disciplinares. Na complexidade do mundo de hoje, transgressões da disciplinaridade parecem ter-se tornado norma, questão não só de sobrevivência, mas de lucidez e de bom senso. Assim, ao ser perguntado sobre a possibilidade de uma visão transdisciplinar no “que fazer” científico, repito que é, mais do que possibilidade, obrigatoriedade.

Evidentemente, não estou falando de contravenção ou delinqüência intelectual. As quatro imagens que acima evoquei apontam para algo comum, que é a necessária postura ética. Não basta ser um perfeito técnico em transversalidade, um exímio malabarista do trânsito entre distintas disciplinas, teorias, percepções e vivências. Não basta ser artista em transitar por diferentes situações e circunstâncias, sair do fundo do poço e alargar os horizontes. Não basta estar revestido de gestos heróicos de auto-ultrapassagem ou de ousadas investidas de transgressão inovadora. Se isso não se fizer acompanhar de postura ética, não se poderá esperar valiosa contribuição para a sociedade. Os profissionais de todas as áreas precisam, neste sentido, ser transdisciplinares, imbuídos de valores éticos, que transcendam a lógica disciplinar e os “humores, vaidades e agilidades” do cotidiano. É a imagem da transcendência, que quero aqui bem sublinhada. Ter verdadeiramente uma visão integral da pessoa humana, nisso reside a grande diferença entre a formação de verdadeiros profissionais e de meros técnicos da profissão. Nisso está a grande diferença entre competência profissional e habilidades técnicas do profissional.

Volto à imagem do poço. No estreitamento dos horizontes, o que mais rapidamente tende a desaparecer é a vida, o ser humano, que sempre precisa estar colocado em primeiro lugar. Hoje em dia, o aumento de situações adversas torna sempre mais visível e gritante a constatação de que o “ser humano está-se desumanizando em sua prática de vida humana”. Essa desumanização muito tem a ver com a perda de nosso autoconhecimento e, conseqüentemente, de nossas responsabilidades cidadãs. “O ser humano é um projeto infinito. (...) Só transcendendo o restrito mundo das certezas, ele se abre para ser oxigenado no infinito de suas possibilidades” (Romano F^{o.}, 2002, p. 25 e p. 27).

Necessitamos de homens e mulheres que, sentindo-se maiores que os limites culturais que os cercam, tenham a coragem de recusar-se a simplesmente aceitar, como dada e imutável, a realidade na qual estão mergulhados. Trata-se de

um pensamento muitas vezes repetido em livros e artigos de Leonardo Boff.⁶

A transdisciplinaridade, mais do que possível, é a própria condição de sobrevivência da humanidade e da ciência a seu serviço. Ela ajuda a recontextualizar os saberes, pois estes, sem contextualização, tornam-se vazios e emperrados. Diz Edgar Morin (2002, p. 41): “Enquanto a cultura geral comportava a incitação à busca da contextualização de qualquer informação ou idéia, a cultura científica e técnica disciplinar vem parcelando, desunindo e compartimentando os saberes, tornando cada vez mais difícil sua contextualização”.

Nos últimos anos venho vivenciando, na UNISINOS, riquíssima experiência, através do Grupo Inter-Religioso de Diálogo, ligado ao Programa GDIREC (Gestando o Diálogo Inter-Religioso e o Ecumenismo). Envolvendo mais de uma dezena de religiões ou crenças diferentes, está sendo um exercício muito gostoso e desafiador nesse sentido. Não existe diálogo inter-religioso sem um profundo cultivo das identidades religiosas. Este é o principal objetivo do Programa GDIREC: o diálogo exige que se leve o outro a sério. Na transdisciplinaridade devem ser reconhecidas e, com seriedade, cultivadas as identidades disciplinares, como são levadas a sério outras vias de conhecimento que transcendem os limites disciplinares. Para levar a sério o outro, preciso, em primeiro lugar, levar-me a sério a mim mesmo; ou vice-versa: só me levarei a sério, na medida em que for capaz de levar a sério meu semelhante.

Além do envolvimento direto no esforço de diálogo inter-religioso, foi, sobretudo, minha ativa participação em Grupo do Planejamento Estratégico da UNISINOS, nos últimos anos, que me ajudou e vem ajudando a repensar o “que fazer” na Academia. Devem ser destacadas a realização de pesquisas, elaboradas com propostas de transdisciplinaridade e a organização de “Programas de Aprendizagem”, apontando como carro-chefe de uma nova proposta de Graduação, onde o processo de desmontagem das seguranças disciplinares vem sendo um dos imperativos. As disciplinas, mesmo que, às vezes, não figurem mais explicitamente, em nenhum momento foram ou estão sendo descuidadas. Não pode existir transdisciplinaridade, não existindo disciplinas. E a transdisciplinaridade se tornará mais consistente, na medida da consistência das disciplinas. Essa é a nossa convicção.

Não se trata, portanto, de abolir disciplinas, como não se trata de extinguir religiões. Trata-se de ajudá-las, disciplinas e religiões, a servirem a humanidade. A rigor, só quem, atento à dignidade da pessoa humana, estiver radicalmente voltado ao valor da vida humana, sempre irá para além das compreensões disciplinares, sempre será transdisciplinar, podendo ser mais ou menos habilidoso em transitar entre as diferentes disciplinas e posicionamentos ou também transgres-

⁶ Ver, por exemplo, Boff (2004).

sor de disciplinas. A transdisciplinaridade, própria do bom técnico profissional, sempre o levará a transcender suas aptidões e malabarismos, na busca de uma firme ancoragem em valores éticos de respeito à dignidade humana e no sincero empenho em construir uma sociedade onde todos possam viver com dignidade. Nisso reside o ser profissional de verdade.

Referências

- BOFF, L. 2004. *Ecologia: grito da Terra, grito dos pobres*. Rio de Janeiro, Sextante.
- BRANDÃO, C.R. 2002. *A história do menino que lia o mundo*. Fazenda História, nº 7, MST, São Paulo, Anca.
- D'AMBROSIO, U. 1997. *Transdisciplinaridade*. São Paulo, Palas Athena.
- FOLLMANN, J.I. 2001. Conhecimento, intelectuais e mudanças. In: R. BAQUERO; C. BROILO *et al.*, *Pesquisando e gestando outra escola: desafios contemporâneos*. São Leopoldo, Edunisinós, p. 134-138.
- FOLLMANN, J.I. e LOBO, I.M. *et al.* 2003. *Transdisciplinaridade e universalidade: uma proposta em construção*. São Leopoldo, Edunisinós.
- MORIN, E. 2002. *Os sete saberes necessário à educação do futuro*. São Paulo, Cortez.
- NICOLESCU, B. 2000. *Educação e transdisciplinaridade*. Brasília, Ed. Unesco Brasil.
- ROMANO Fº, D. 2002. *Gente cuidando das águas*. Belo Horizonte, Mazza.
- WEIL, P.; D'AMBROSIO, U. e CREMA, R. 1993. *Rumo à nova transdisciplinaridade; sistemas abertos de conhecimento*. São Pulo, Summus.

